

Construção, desconstrução e reconstrução do ídolo: discurso, imaginário e mídia

Hulda Gomides OLIVEIRA.

Elza Kioko Nakayama Nenoki do COUTO.

Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Letras.

huldinha_net@hotmail.com

Bolsista CAPES.

Palavras-chave: Ídolo; Imaginário; Discurso; Mídia.

INTRODUÇÃO

O que propomos nesta dissertação em andamento é entender melhor como se dá a formação de ídolos ou de celebridades nas sociedades. Dessa forma, tomamos como referencial teórico a Antropologia do Imaginário de Gilbert Durand e alguns conceitos e reflexões dos Estudos do Discurso, em sua vertente francesa. O que nos interessa, mais especificamente, é perceber o percurso de construção, desconstrução e reconstrução pelo qual passam alguns ícones da mídia, a partir da observação do discurso midiático. Tomamos como exemplo para isso, portanto, notícias de cobertura de vida e morte do cantor de pop Michael Jackson, por ser exemplar no contexto do trabalho, tendo como método a análise documental.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Imaginário

Acerca da teoria traçada por Gilbert Durand, em linhas gerais, o imaginário é constituído por todas as imagens produzidas pelo ser humano, proveniente de atitudes mentais que formam as concepções e comportamentos de uma cultura, assim, é uma construção mental que se mantém como um “cimento social” (MAFFESOLI, 2001, p. 76), na medida em que é fruto de um *trajeto antropológico* que interage o psicológico e o cultural, o individual e o coletivo, por meio de uma dinâmica troca entre as *pulsões subjetivas* e as *intimações objetivas* que provêm do

meio cósmico e social¹. O que Durand propõe, portanto, é que a natureza humana e as manifestações culturais se relacionam através dos *gestos dominantes*, dos *esquemas*, dos *arquétipos*, das *imagens*, dos *símbolos* e dos *mitos*, constituindo, dessa maneira, um imaginário individual e coletivo, ao mesmo tempo, que se manifesta naquilo que o Homem produz hoje e sempre, ao tentar compreender a realidade em que vive. Assim, podemos entender o imaginário como matriz da habilidade que todo sujeito possui de elaborar o mundo e a si mesmo², capacidade de transcender e de simbolizar, para enfrentar os limites que o envolve. As reflexões de Durand, a propósito, vão estar muito focadas na atitude do ser humano diante da morte, do Mal e dos grandes mistérios que envolvem a realidade, que acaba por recorrer a formas de eufemizar a ignorância diante do desconhecido.

Diante de tais conceitos, o que propomos neste trabalho é buscar contribuições da antropologia do imaginário durandiana para a compreensão de como se dá a formação de ídolos, de celebridades, percebendo ainda nesse contexto, o percurso de construção, desconstrução e reconstrução pelo qual passam alguns ícones ou figuras midiáticas, tomando como exemplo para isso, portanto, notícias de cobertura de vida e morte do cantor de pop Michael Jackson, por ser exemplar no contexto do trabalho. Enfim, perceber que conteúdos possibilitam diferentes realidades ou momentos na *vida midiática* do cantor.

Discurso

A partir daqui é importante falar das relações entre discurso e imaginário, percebendo o religioso como constituinte do ídolo. Dessa forma, o discurso midiático a respeito de uma celebridade está necessariamente imbricado a outros discursos, pois se falamos de relações discursivas lembramos que discursos são conjuntos de enunciados e que esses enunciados estão amarrados à uma história, à uma materialidade, à formulações que os antecedem e que os sucedem. É pensando, então, nessa rede enunciativa que quando refletimos acerca do ídolo apelamos à pergunta: *por que tal enunciado e não outro em seu lugar?* Em outras palavras, o que organiza os nossos modos discursivos de tipificação ou de rotulação, que possibilitam dizer que este ou aquele é um ídolo? E mais, por que esses enunciados se alteram, por que estão suscetíveis a se transformar, a se tornarem outro?

¹ Cf. DURAND, 2002, p. 41.

² Cf. CARVALHO. <http://www.docstoc.com/docs/11616093/A-antropologia-do-imaginario-de-Gilbert-Durand>

As considerações teóricas dos estudos do discurso nos apontam a uma historicidade, que garante, portanto, uma identidade mutável e, logo, nos leva a uma tarefa central: definir as condições nas quais se realizou o enunciado. É exatamente aí que chegamos aos conteúdos do imaginário. Ou seja, o nosso grande arcabouço cultural comporta noções e imagens comuns que nos ajudam a definir quem somos e quem são os outros, constituindo, ao mesmo tempo, um processo de subjetivação e de alteridade, enfim, nos ajudando a identificar o “eu” e o “outro” no mundo. Nesse sentido, os enunciados que constituem o mundo e nos constituem são dinamicamente perpassados pelos conteúdos do imaginário. Seguindo esse raciocínio, acreditamos que desse universo de crenças, fundamentos e imagens que nos formam, o religioso surge como bastante central na história do Homem, isto é, os discursos que circulam e constituem as sociedades estão sempre atravessados por uma tendência religiosa, transcendente; códigos de ética que dizem respeito de como nos comportar, enfim, dito de outra forma, há uma forte presença do discurso religioso nas construções sociais e culturais, bem como no estabelecimento das noções morais, do que é certo e do que é errado. Assim, o religioso passa a ser um *discurso constituinte*, como também o são o científico e o filosófico, por exemplo, e então é inevitável considerá-lo como elemento de constituição dos sistemas de valores e pelos discursos, funcionando também como modalizador das opiniões e julgamentos, logo, como mecanismo de construção, desconstrução e reconstrução do eu, do outro e, trazendo à nossa análise, das figuras midiáticas.

É evidente que não só conteúdos religiosos afetam a formação de enunciados, devem-se considerar outras relações como, por exemplo, o sistema político, o econômico, contudo, ressaltamos a influência do religioso, das crenças culturais, dos mitos, finalmente, de todo um imaginário coletivo na medida em que estes parecem interferir ainda mais quando se trata da definição de um sistema de valor, ao definir o ser humano quanto questões de moralidade, do que é bom e do que é mau.

Um exemplo bem central para se pensar isso é o imaginário da morte na nossa sociedade. A postura que temos diante da morte está bastante envolvida com aspectos espirituais e a morte, nesse contexto, traz consigo uma purificação, uma espécie de beatificação daquele que já não está mais nesse mundo e, assim, não se deve insultar ou maldizer os que já partiram. Por isso, por exemplo, antes da morte de Michael Jackson encontramos sua figura ligada a escândalos e polêmicas como

“pedofilia” e depois da morte vemos uma revisão desse termo e sua ressignificação em síndrome de Peter Pan.

Rosário Gregolin em seu texto *Formação discursiva, redes de memória e trajetos sociais de sentido: mídia e produção de identidades* (2007), nos ajuda bastante a pensar teoricamente o que estamos tentando dizer. Ela fala da “noção-conceito de formação discursiva”, de como essa noção sofreu mudanças epistemológicas ao longo da constituição da Análise do Discurso e do quanto ainda deve ser entendida como uma das suas categorizações fundamentais, a partir do momento em que é vista numa relação heterogênea com os interdiscursos, com a História e com a memória discursiva. O ponto de vista da heterogeneidade garante, ao mesmo tempo, a compreensão das FDs como sistemáticas e instáveis, na medida em que os sentidos não são unívocos e imutáveis e, por isso, se alteram. A FD, portanto, vai determinar aquilo que pode e deve ser dito, pois está ligada a um universo de representações e crenças, correspondente a uma memória e a uma História.

Nesse sentido, trazendo à nossa análise, os conteúdos religiosos são parte das FDs, compreendidas como fronteiras que se deslocam, impulsionadas por um jogo de história e memória e, dessa maneira, o sujeito discursivo, fruto do trabalho midiático, pode ser visto de tal e tal modo, dependendo de uma memória e de interdiscursos que antecedem e interferem no processo de sua formação, assumindo, enfim, diferentes trajetos de sentidos. “São procedimentos discursivos que trabalham a memória e fazem esses enunciados interagirem-se a redes de outras formulações e constituírem outros trajetos de sentidos” (GREGOLIN, 2007, p. 163-164). Ou ainda, segundo Pêcheux, “todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, se deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para um outro” (apud GREGOLIN, p. 167). O que se quer mostrar é que para entender a discursividade de um acontecimento não se pode desconsiderar que o discurso acontece sempre no interior de outros discursos, com os quais estabelece co-relações e deslocamentos. Diante disso, podemos entender o discurso midiático sempre em relação com o discurso religioso e outros discursos, que ativam redes de memórias diversas, produzindo sentidos também diversos.

Assim, compreendemos porque alguns rótulos constituíam o histórico de Michael Jackson, e que tais rótulos sempre variavam e variam de acordo com o momento do qual se fala, com *condições de produção* determinadas. Seleccionamos,

então, alguns estereótipos indicadores da personalidade (discursiva) do cantor: o Michael Jackson que mudou de cor, pois não queria ser negro; o Michael Jackson que tinha vitiligo; o Michael Jackson que se desfigurou depois de tantas cirurgias plásticas para esconder as suas marcas étnico-fenotípicas; o Michael Jackson pedófilo; o Michael Jackson pai, que quase jogou o próprio filho pela janela; o Michael Jackson filho, traumatizado, vítima da criação do rígido pai; o Michael Jackson milionário; o Michael Jackson falido; o Michael Jackson que, na verdade, nunca foi pedófilo, mas que apenas sofria da chamada síndrome de Peter Pan etc.

CONCLUSÃO

Enfim, o que pretendemos apontar ao longo deste trabalho é a forte presença do imaginário na formação do ídolo. Diante do exposto, podemos dizer que as definições a respeito do ídolo, em geral, são fruto de consensos sociais, que vêm da cultura e de heranças mitológicas, de um imaginário coletivo e, assim, representações, estereótipos e paradigmas são criados, influenciam e regulam a forma de organização da vida em sociedade. Mas como acontece esse processo de estabelecimento de padrões e como discursivamente isso é possível? Por que o que é dito pode ser dito, naquele momento e daquela forma e não de outra? São essas relações de linguagem que pretendemos melhor entender em textos futuros talvez, mas, por questões metodológicas óbvias – a intenção é finalmente compreender como o discurso midiático lida com a formação de ícones, ou figuras, ou sujeitos da mídia, na medida em que o que acessamos publicamente não é, necessariamente, a personalidade particular do sujeito, mas sim sua realidade midiática, que é como ele nos aparece.

Referências

DURAND. G. *As estruturas antropológicas do imaginário*. Trad. Hélder Godinho. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

GREGOLIN, M. R. V. Formação discursiva, redes de memória e trajetos sociais de sentido: mídia e produção de identidades. In: BARONAS, R. L. (Org.). *Análise do Discurso: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva*. São Carlos, SP: Pedro e João Editores, 2007.

MAFFESOLI, M. *O imaginário é uma realidade*. Revista Famecos. Porto Alegre, nº 15, agosto 2001, quadrimestral.